

ARTE SEM LIMITES

CÔA &
SIEGA
VERDE



ARTE SEM LIMITES

CÔA &
SIEGA
VERDE

EXPOSIÇÃO

LISBOA | JULHO - OUTUBRO '22
MADRID | NOVEMBRO '22 - FEVEREIRO '23

ORGANIZAÇÃO

Junta de Castilla y León e Fundação Côa Parque

PARTICIPAÇÃO

Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), Museu de Arte Popular (Lisboa) e Museo Arqueológico Nacional (Madrid)

FINANCIAMENTO

Interreg Espanha-Portugal | Programa Paleoarte | Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

EXPOSIÇÃO

Comissários

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Projeto

byAR – Pedro Pereira | Patrícia Ferreira | Saeideh Shekoohi

Design

byAR – Pedro Gonçalves | Teresa Monteiro | Pedro Matos | Thierry Aubry | Jorge Sampaio

Produção

Stripeline – Helder Mata | Gonçalo Tomás
byAR – Alexandra Allen | Tiago Duarte | Ruben Rebelo | Pedro Teixeira | Alberto Flores
VPrint – Produção de imagem, Lda.

Réplicas

Morph – Geociências | 3D Factory | Pedro Cura | Thierry Aubry | Jorge Sampaio | Marcos Terradillos

Tradução de textos

EURO-TEXT Traductores e Intérpretes

Fotografias, decalques e desenhos

José Javier Alcolea González | Manuel Almeida | Beatriz Alonso | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | António Fernando Barbosa | Julián Bécares | Carmen Cachom | Francisco Fabián García | Marcos García Díez | Pedro Guimarães | António Jerónimo | Miguel Angel Martín | Julián Martínez | José Javier Fernández Moreno | Marina Mosquera | Luciano Muncio González | Pedro Pereira | Alejandro Plaza | Mário Reis | Olívia Rivero | José Paulo Ruas | Agustín Ruiz | María de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Pedro Saura | Joana de Castro Teixeira

Audiovisuais

El Maestro de Altamira AIE. | Morena Films Productions | Morph – Geociências | Plan C Creatividad sin límites S.L.

Ilustrações

Alexandra Allen

MUSEU DE ARTE POPULAR | LISBOA | PORTUGAL
MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL | MADRID | ESPANHA

Pessoas e Entidades Colaboradoras |

Mariana Abreu | Maria José Albuquerque | Miguel Almeida | Alicia Ameijenda | Marian Arlegui | Benito Arnaiz | Alberto Bescos | Carmen Cacho | Andrés Carretero Pérez | Joana Carrondo | Antonio Carvalho | Adriana Chauvin | Aida Carvalho | Hipolito Collado | Dalila Correia | David Cuenca | Pedro Cura | Pilar Fatás | António Batarda Fernandes | José Antonio Fernández de Cordoba | Verónica Fernandez Navarro | Paulo Ferreira da Costa | Alejandro Fonseca | Ana Fraile | Ana Fromesta | Carlos García | Rita Gaspar | Sérgio Gomes | Isabel Leal | André Leitão | Carmen Manzano | Ana Belén Marín | Alexandra Marques | Santiago Martínez Caballero | Andrea Martins | Tania Mosquera Castro | César Neves | Marta Negro | Luís Nobre | Roberto Ontañon | Sofia Figueiredo Persson | Nuno Ramos | Ketty Ratero | Manuel Santonja | Filipa Santos | Marcelo Silvestre | Renata Talarico | Ignacio Triguero | Jesús Maria del Val Recio

Agência Portuguesa do Ambiente | Ayuntamiento de Castillejo de Martín Viejo | Ayuntamiento de Fuentes de Oñoro | Ayuntamiento de Villar de Argañán | Ayuntamiento de Villar de la Yegua | Dirección Geral do Património Cultural | Hemeroteca de Castilla y León | Ministério da Cultura | Ministerio de Cultura y Deporte | Ministério da Economia e do Mar | Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior | Município de Figueira de Castelo Rodrigo | Município de Pinhel | Município da Mêda | Município de Vila Nova de Foz Côa | Turismo de Portugal | Fundación Siega Verde | ADECOCIR | Arqueologia e Património – Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca Lda.

Entidades Prestadoras

Gobierno Principado de Asturias. Consejería de Cultura, Política Lingüística y Turismo. Dirección General de Cultura y Patrimonio | Gobierno de Cantabria. Consejería de Universidades, Igualdad, Cultura y Deporte | Junta de Extremadura. Consejería Cultura, Turismo y Deporte. Dirección General de Bibliotecas Archivos y Patrimonio Cultural | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Salamanca | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Segovia | Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira | Museo de Prehistoria y Arqueología de Cantabria | Museo de Segovia | Museo de Salamanca | Museo Numantino | Museo de Burgos | Museo de la Evolución Humana | Universidad de Cantabria | Universidad de Salamanca

CATÁLOGO

Coordenação

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Textos

José Javier Alcolea González | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | Julián Bécares Pérez | Primitiva Bueno Ramirez | José Javier Fernández Moreno | Luís Luís | Juan Antonio Martos Romero | Mário Reis | Olívia Rivero Vilá | María de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Joana de Castro Teixeira | Carlos Vazquez Marcos | Jesús Maria del Val Recio | Cristina Vega Maeso

Design e paginação

byAR
Pedro Gonçalves

Impressão

Graficas EUJOA SA

© De la Edición: Consejería de Cultura, Turismo y Deporte. Junta de Castilla y León.

© De los textos e ilustraciones: los autores

ISBN

978-84-9718-714-5

Depósito Legal

VA 646-2022

In memoriam a Bruno Navarro



ARTE SEM LIMITES

CÔA &
SIEGA
VERDE

An abstract black line drawing on a dark gray background. The drawing consists of several thick, expressive black lines that form a central figure, possibly a person or a stylized animal, with a long neck and a head that is slightly tilted. The lines are somewhat irregular and textured, giving the impression of a hand-drawn sketch. The overall composition is minimalist and focuses on the play of light and shadow created by the white lines against the dark background.

ÍNDICE

- 007** Apresentação
- 013** Introdução
- 019** Grupos humanos no Vale do Douro durante o Paleolítico Superior e as primeiras manifestações artísticas
- 033** O Vale do Douro durante o Paleolítico Superior. Ambiente e modos de vida.
- 049** A arte paleolítica da bacia do Douro no contexto do Sudoeste europeu
- 067** Distribuição e contextualização da arte paleolítica ao ar livre dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 081** Caracterização e evolução da arte paleolítica no Vale do Côa em Siega Verde.
- 097** Arte Finiglacial (Estilo V/Azilense). Caracterização das manifestações e contextualização dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 113** Entre Espanha e Portugal. A arte esquemática na média e baixa bacia do Douro
- 135** As representações da Idade do Ferro no limite ocidental da submeseta norte: características e sua relação espacial e conceptual.
- 147** Pastores, moleiros e outras gentes. Arte rupestre de época histórica de ambos os lados da fronteira.
- 159** Vale do Côa e Siega Verde. Sítios do Património Mundial para visitar.



**GRUPOS HUMANOS NO VALE DO DOURO DURANTE
O PALEOLÍTICO SUPERIOR E AS PRIMEIRAS
MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS**

T. Aubry

Fundação Côa Parque; UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

J.J. Fernández Moreno

D G de Patrimonio Cultural, Junta de Castilla y León

Cristina Vega Maeso

D G de Patrimonio Cultural, Junta de Castilla y León

O aparecimento dos primeiros hominínios, em África, coincide com o início do Paleolítico, há mais de 3 milhões de anos, de acordo com as datações mais antigas das camadas onde foram encontradas as primeiras ferramentas de pedra lascada. Durante a maior parte do processo evolutivo e das etapas da sua difusão para os diferentes continentes, estes pequenos grupos que viviam unicamente da caça e da recolção deixaram-nos apenas vestígios ténues das suas atividades cotidianas, dos quais só uma parte se conservou até aos dias de hoje.

A descoberta destes vestígios é mais fácil numa gruta ou num abrigo rochoso, sendo a reconstituição do ambiente contemporâneo facilitada pelas condições favoráveis à preservação dos ossos dos animais caçados e dos restos vegetais queimados nas fogueiras ou que se conservaram nos solos. Na maior parte da bacia do Douro, as características geológicas do subsolo não são propícias à formação de grutas e abrigos. Assim, a conservação e deteção de vestígios que permitem reconstituir o povoamento antigo e a evolução do meio ambiente são mais difíceis, quer devido à multiplicidade de espaços potencialmente ocupados por acampamentos e sítios especializados na caça, quer ao facto dos vestígios estarem, entretanto, cobertos por depósitos sedimentares acumulados ao longo do tempo.

Os testemunhos da presença humana no Vale do Douro revelam que a sua ocupação se iniciou bem antes do Paleolítico Superior, período de realização das primeiras expressões artísticas, quer nas paredes das grutas ou abrigos, quer em rochas ao ar livre como as que existem no Vale do Côa e em Siega Verde. Ao longo do século 20, a descoberta de ferramentas de pedra lascada obtidas a partir de seixos de quartzo ou quartzito, de fabrico simples, testemunham a presença de várias espécies de Hominínios nas margens do Vale do Douro, atestada há mais de 1,2 milhões de anos nos sítios da Serra de Atapuerca, perto de Burgos, no limite norte da Meseta.

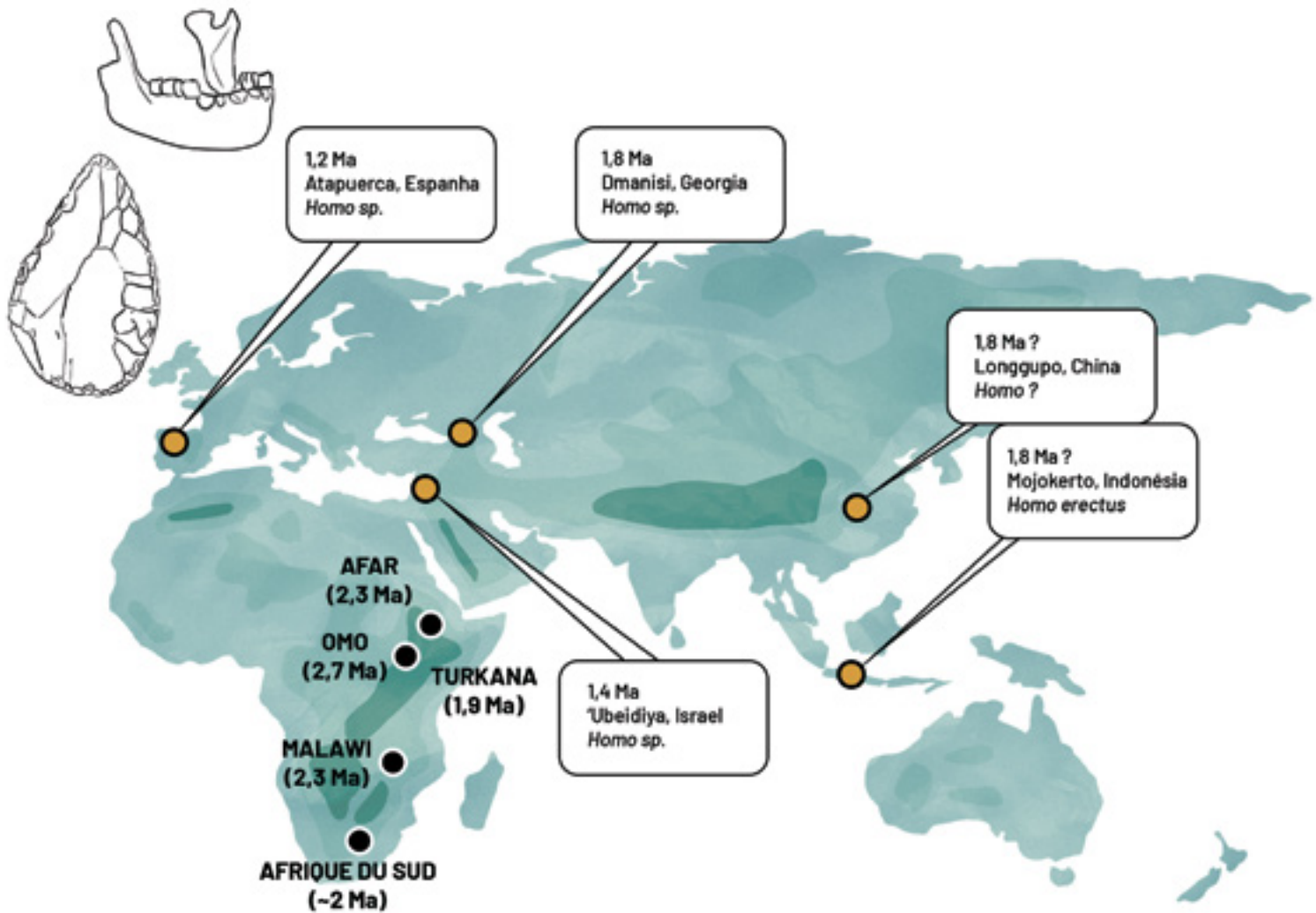


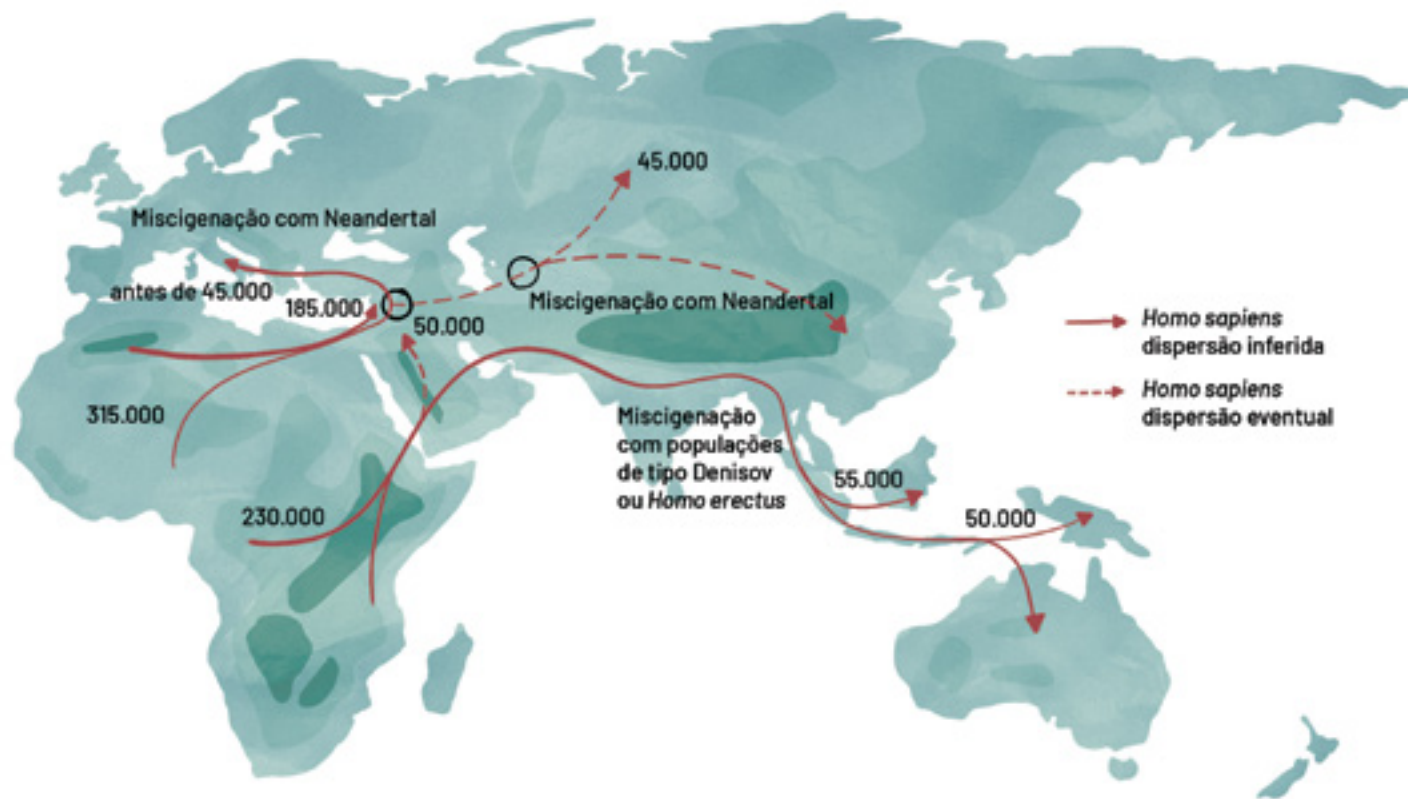
Fig. 1. Cronologia do povoamento humana no mundo

O PALEOLÍTICO SUPERIOR

O Paleolítico Superior decorreu entre 42.000 e 11.700 anos antes do presente (BP) e corresponde à última fase do Pleistocénico (entre 2.600.000 e 11.700). Na Península Ibérica esta fase do Quaternário é delimitada por dois acontecimentos singulares: por um lado, o fim da alternância climática do Pleistocénico (c. 125.000 - 11.700), dando lugar a um período de clima mais estável e temperado, conhecido como Holocénico, e por outro, o aparecimento do Homem anatomicamente moderno (*Homo sapiens*), que acabou por substituir e/ou assimilar o Homem de Neandertal (*Homo neanderthalensis*).

Do ponto de vista climático e ambiental, o Paleolítico Superior está dividido em duas grandes fases (antes e depois de 24.500 BP) quando ocorreu o último máximo glacial (LGM), um episódio mais frio, em que toda a Europa do Norte estava coberta por uma grande camada de gelo, tal como as áreas mais altas dos Pirenéus, a Cordilheira Ibérica e o Sistema Central da Península Ibérica. A partir daquela data entramos numa nova fase climática em que episódios mais amenos e húmidos se intercalam com episódios mais frios, e um degelo progressivo vai provocando um aumento da linha costeira e, em geral, instala-se um ambiente mais quente e húmido (ver Cap. 2).

A análise da evolução das ferramentas utilizadas por estes grupos de caçadores-recolectores, especialmente das feitas de pedra, osso e hastes, permitiu definir conjuntos e estabelecer um quadro evolutivo, inicialmente relativo, mas



foi confirmado pela datação através de diferentes métodos e materiais: carvão, osso, dentes, sedimentos, concreções de calcite. Pese embora as particularidades regionais que podem ser observadas, o Paleolítico Superior pode ser dividido em várias fases tecnoculturais cujo nome advém do dos sítios epónimos (geralmente franceses) onde pela primeira vez se identificaram os conjuntos materiais que as caracterizam. Assume-se que são cronologicamente sucessivas, embora a sua representação nos diferentes territórios revele lacunas e justaposições.

O primeiro período, que se inicia há cerca de 45.000 anos, chamado Châtelperronense (da gruta de Châtelperron no centro este da França) está associado aos restos dos últimos neandertais em dois sítios em França, razão pela qual alguns autores o consideram como a fase de transição entre o Paleolítico Médio e o Paleolítico Superior. As suas ferramentas de pedra são feitas sobre lâminas (lascas de pedra com o dobro do comprimento da sua largura) transformadas para produzir uma ponta com um dos dois bordos modificado por retoque abrupto de forma curva, um tipo de utensílio para encabar que se desenvolverá durante o Paleolítico Superior. Este tipo de ferramenta de pedra e a produção das lâminas associadas só existe no centro e sul de França e no norte de Espanha, não tendo sido identificado no resto da Península Ibérica. Esta distribuição foi interpretada como o resultado de uma possível influência dos primeiros Homens modernos sobre os últimos neandertais nas regiões setentrionais, ou, pelo contrário, como o resultado de uma evolução tecnológica independente que levaria à adoção de tecnologias semelhantes.

Fig. 2. Aparição e cronologia da difusão do Homem moderno

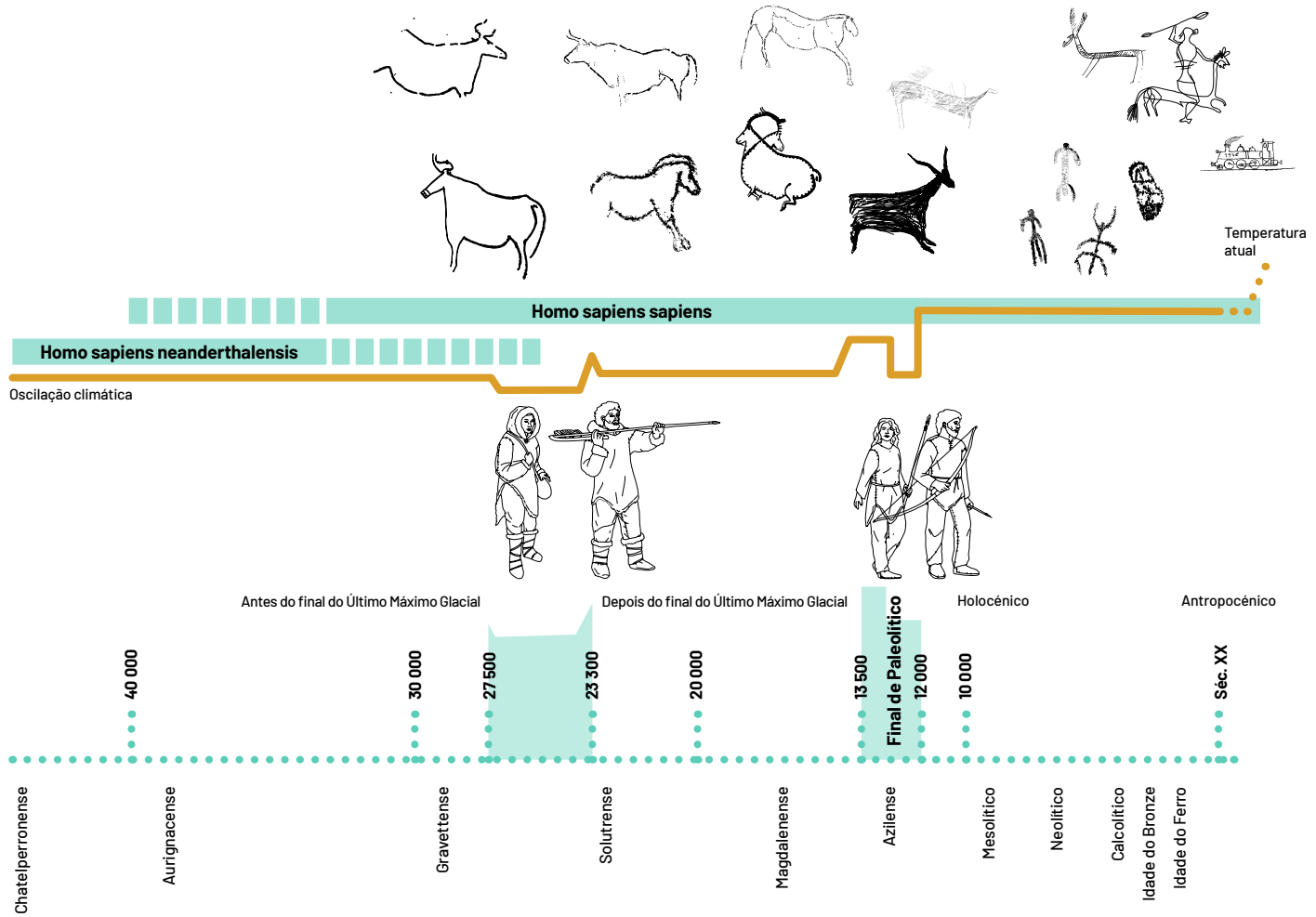


Fig. 3. Tabela cronocultural das etapas do Paleolítico Superior, associadas às respetivas fases artísticas e climáticas.

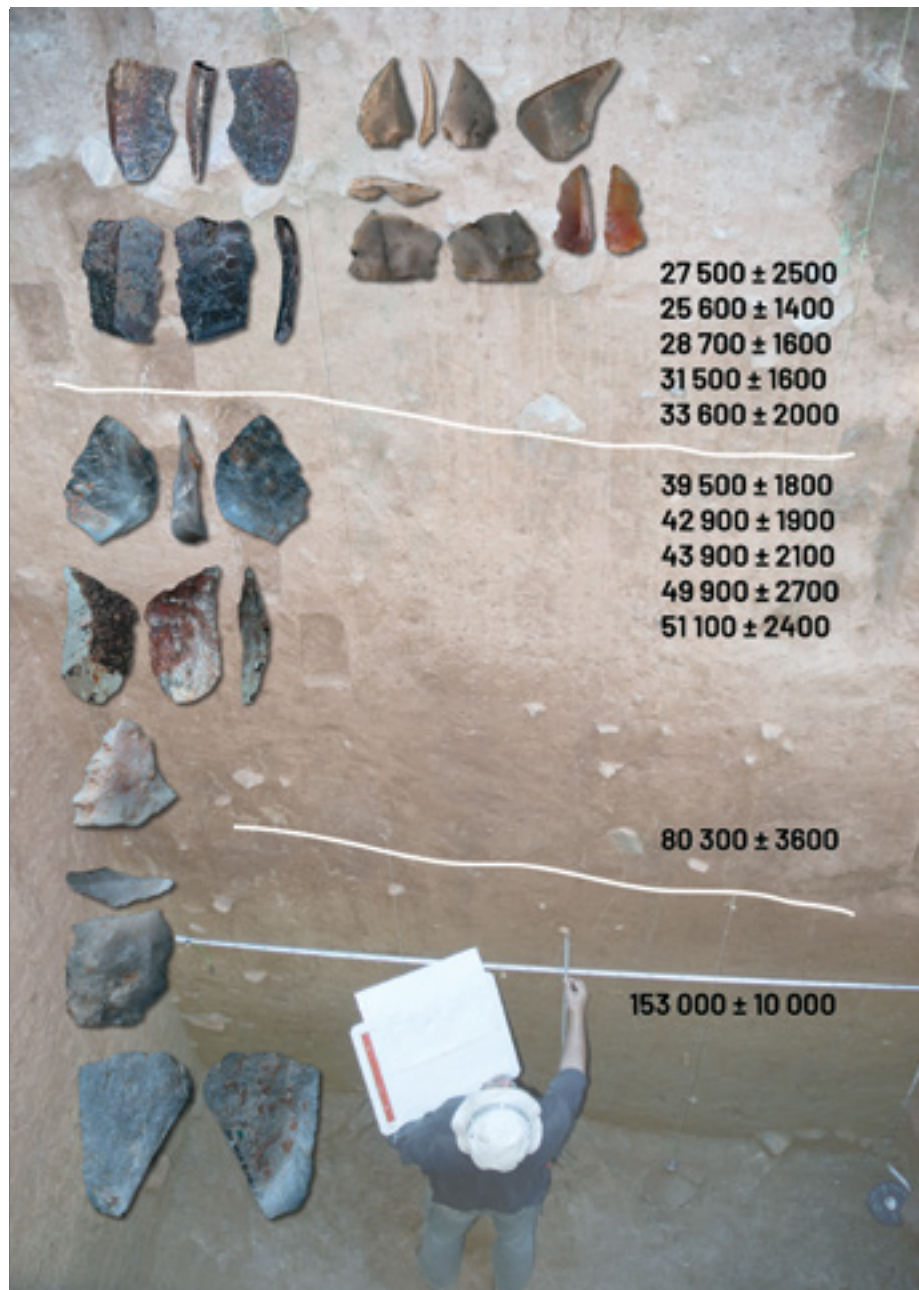
Posteriormente, podem distinguir-se quatro outras fases no Paleolítico Superior, nas quais estão seguramente associadas manifestações gráficas figurativas. As ferramentas e os vestígios do Aurignacense estão associados aos restos humanos dos primeiros humanos anatomicamente modernos na Europa. O estabelecimento destes grupos na Península Ibérica generalizou-se durante o Gravettense, que se desenvolveu antes e durante o último máximo glacial. O ápice do Paleolítico Superior, que é atribuído aos grupos solutrenses, terá sido coevo dos últimos anos do LGM e dos inícios do período seguinte, a ele se seguindo o Magdalenense. Em algumas regiões identifica-se ainda o Azilense antes do final do Holocénico.

A escassez dos vestígios que atestam da ocupação do Homem de Neanderthal no interior da Península Ibérica e o facto dos Homens modernos só se terem difundido tardiamente no segundo período do Paleolítico Superior – o Gravettense – foram interpretados com o resultado do clima rigoroso do interior da Península ibérica. Foi também avançado que o Rio Ebro poderia ter constituído uma barreira entre duas zonas bioclimáticas, até ± 36.500 anos. O grupo de humanos anatomicamente modernos teria ocupado as regiões a Norte e os neandertais a Sul do Ebro.

Por outro lado, na periferia da Península (costa cantábrica, zona atlântica portuguesa e costa mediterrânica), a proximidade do mar teria proporcionado um ambiente mais favorável que poderia ter sido anteriormente ocupado pelos humanos modernos desde a primeira fase do Paleolítico Superior, como o demonstram os habitats em grutas que contêm os exemplos mais conhecidos da arte rupestre do Paleolítico no norte de Espanha.

No contexto destas interpretações, os poucos vestígios de arte paleolítica existentes em algumas grutas do interior da Península Ibérica eram associados às ocupações mais recentes, atribuídas ao final do Paleolítico Superior e, portanto, indubitavelmente atribuídos aos humanos modernos. A sua existência, estava ligada unicamente aos ambientes subterrâneos ou sob abrigo, sem que a sua preservação fora deste ambiente alguma vez tenha sido considerada.

Os resultados mais recentes revelam uma realidade muito mais complexa, assim como as nossas lacunas relativas ao povoamento antigo da Península Ibérica. Existem cada vez mais provas de que houve uma ocupação humana recorrente da bacia do Douro, durante todo o Paleolítico Superior, tanto antes do último máximo glacial como depois, e até ao fim deste período de clima mais frio.



OS ÚLTIMOS NEANDERTAIS

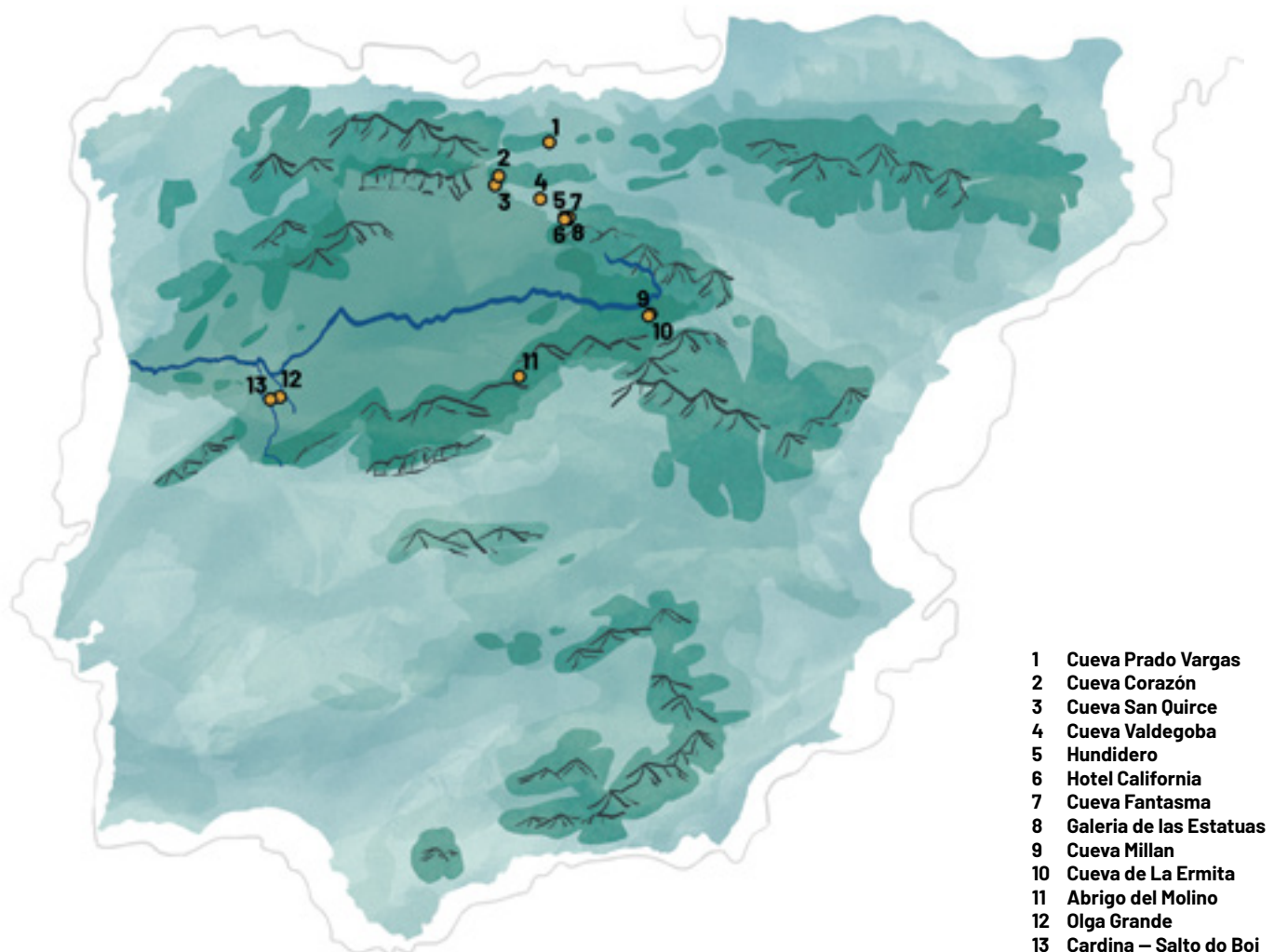
Os primeiros testemunhos da presença do Homem de Neanderthal são caracterizados por ferramentas de pedra, obtidas por métodos de talhe característicos: os chamados métodos *Levallois* e *Discoïdal*, que consistem na extração de lascas de um bloco de rocha previamente preparado, permitindo uma gestão da matéria-prima, e implicando a previsão da forma dos produtos finais e uma standardização das ferramentas produzidas.

Fig. 4. Corte estratigráfico da Cardina – Salto do Boi, com os utensílios característicos da ocupação de neandertais e homens anatomicamente modernos.

No sector oeste da bacia, num afluente da margem sul do Douro, o Vale do Côa, os achados concentram-se no planalto granítico, em ambas as margens do rio (Chãs e Almendra) e no fundo do vale (Cardina-Salto do Boi). Nestes últimos, existe uma espessa sequência de depósitos com cinco metros de profundidade. As campanhas de escavação arqueológica revelaram uma longa sequência de ocupação do local, atestando a presença do Homem de Neandertal, desde um momento impreciso anterior a 80.000 até 38.500 BP.

O mesmo sítio preserva também os vestígios de pedra lascadas, sobre lâminas e lamelas, atribuídas ao Aurignacense – com uma data de 34.000 BP – e ao Gravetense, de 32.000 BP. Ocupações mais recentes, de há 29.000 BP, revelaram a existência de estruturas circulares interpretadas como pavimentos em pedra de cabanas.

Fig. 5. Distribuição dos sítios do Paleolítico Médio na bacia do Douro, atribuídos aos últimos grupos de neandertais.



No planalto entre os vales do Côa e Ribeira de Aguiar, nas Pedras Altas (Olga Grande), foram identificadas várias concentrações de restos líticos ao ar livre. Os resultados obtidos nas escavações arqueológicas dos sítios conhecidos como Olga Grande 4 e 14, permitiram a descoberta de vestígios de pedra lascada, essencialmente pontas de caça, associados a grandes acumulações de quartzo queimado — interpretadas como bases de fogueiras — datadas há cerca de 30.000 BP. Estas descobertas testemunham, já nessa altura, a ocupação destes territórios interiores, longe da costa que era suposto ser o habitat habitual e exclusivo destas comunidades.

Algumas dezenas de quilómetros a nordeste destes locais, num meandro da margem esquerda do rio Sabor, na Foz do Medal, foi documentada uma longa sequência de ocupação humana ao longo do Paleolítico Superior, começando durante uma fase inicial do Gravettense, em torno dos 27.000 BP.

Uma imagem semelhante é oferecida pelas descobertas no extremo oposto da bacia do Douro. Os restos humanos descobertos durante as escavações realizadas na gruta de Valdegoba datam de há mais de 48.000 anos, e não há dúvida que pertencem a um grupo de neandertais que, de acordo com os investigadores, utilizou esta área recorrentemente no Verão para caçar principalmente camurças adultas (59%), visando quer a carne quer a pele, que terão sido transformadas no sítio, de acordo com as ferramentas líticas encontradas, feitas de sílex e quartzito de origem local. Nas proximidades, foram identificados outros restos de neandertais na Cueva Fantasma, que se localiza na Serra de Atapuerca, e no Abrigo de Molino, perto de Segóvia. Estas são descobertas recentes ainda em curso de estudo e de datação. Já no Vale do Ebro, mas numa via privilegiada de acesso à Meseta norte, foram também identificados vestígios na gruta do Prado Vargas (46.000 BP) o que é mais uma vez interpretado como uma ocupação sazonal durante a primavera e o verão, para a caça de camurças. Os vestígios de cortes e fraturas observados nos restos faunísticos foram produzidos por ferramentas líticas dos neandertais, mas também por grandes carnívoros que ocupavam a gruta em alternância.

Outros locais, que não forneceram restos humanos de neandertais, confirmam a ocupação da bacia do Rio Douro, a partir do Paleolítico Médio. Este é o caso dos materiais líticos recolhidos em Corazón com indústrias de tecnologia *Levallois*, datadas de 96.500 a 74.000 BP, ou o local próximo de San Quirce, datado de há 73.000 BP, ambos no sul da Serra de Palencia. Na já referida Serra de Atapuerca, o sítio da Galería de las Estatuas forneceu uma data de entre 80.000 e 70.000 anos, associada a lascas de quartzito; as sondagens em El Portalón revelaram, na sua base, peças líticas num nível datado de c. 34.000 BP que, embora possam corresponder a assentamentos de humanos modernos, estariam localizados na fase anterior ao último máximo glacial. Nas proximidades, na própria Serra de Atapuerca, foram identificados vários sítios ao ar livre que devem datar de entre 70.000 e 30.000 BP.

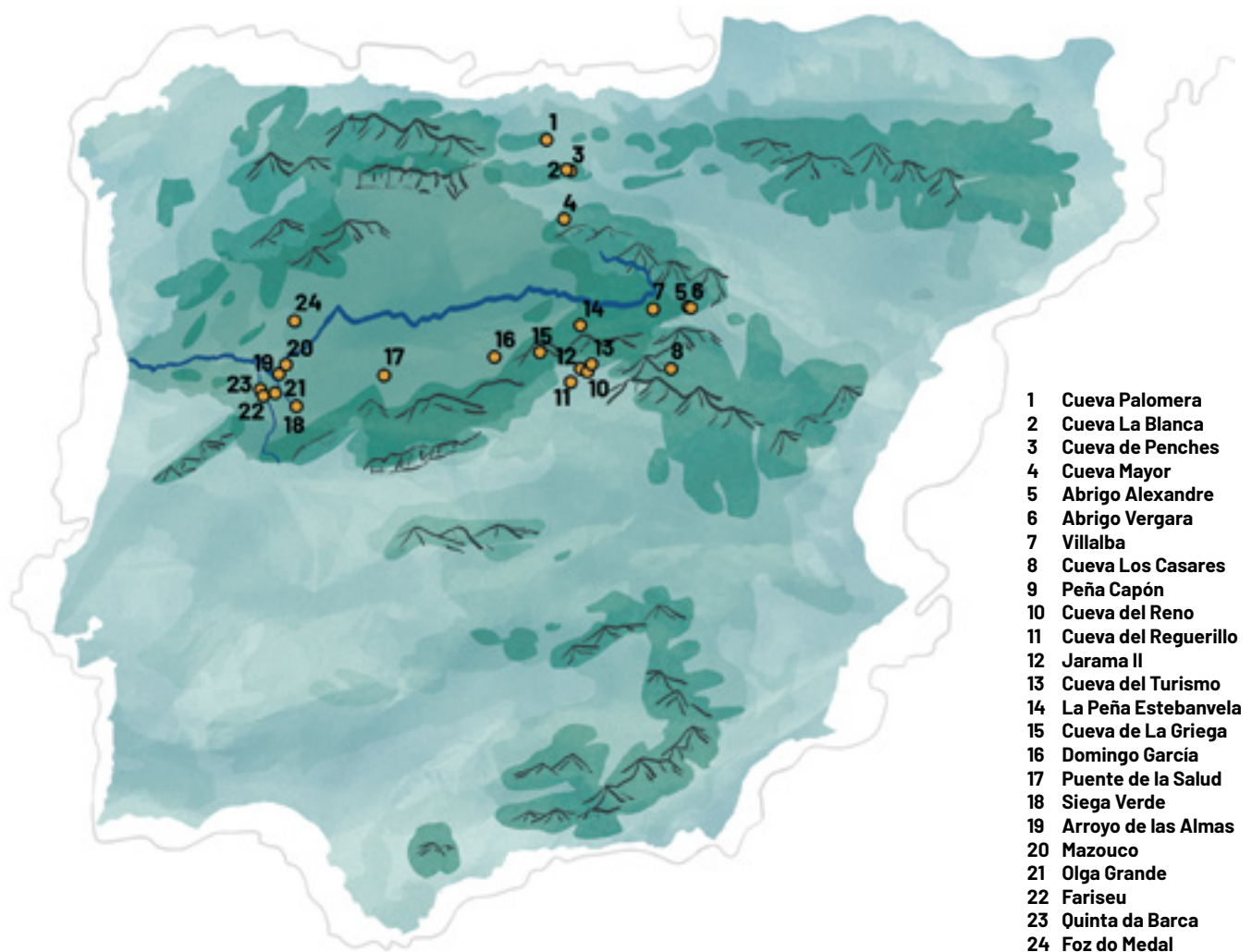
Para completar o quadro, nesta mesma área da Serra de la Demanda, também no limite oriental da Bacia do Douro, são conhecidas outras ocupações tais como a Gruta da Ermita e a Gruta de Millán, com cronologias de mais de 35.000 BP, mas que foram objetos de trabalhos arqueológicos antigos pelo que devem ser valorizadas com cautela.

HOMENS ANATOMICAMENTE MODERNOS

Na Bacia do Douro, as datações já referidas para o sítio de Cardina-Salto do Boi permitem-nos inferir que as primeiras indústrias associadas aos humanos modernos datam na região de há cerca de 34.000 BP. Estas são caracterizadas por suportes laminares e lamelares para a produção de pequenas pontas (normalmente de poucos centímetros de comprimento). O sílex, uma rocha formada no fundo do mar ou em ambientes lacustre, ideal para obter gumes afiados e resistentes, foi preferencialmente selecionado, em associação com variedades locais de rochas siliciosas de grão fino, bem como de diversos tipos de quartzo e de quartzito. Para além dos restos líticos, outras matérias-primas foram utilizadas, tais como o osso ou o chifre, para a produção de pontas, arpões, raspadores, etc.

Após um período climático extremamente frio, alguns locais continuam a ser ocupados, como por exemplo na Cardina Salto do Boi (20.700 BP). Outros são-no pela primeira vez, como no Portalón de Cueva Mayor (17.000 BP). Foram também identifi-

Fig. 6. Mapa dos sítios do Paleolítico Superior correspondentes a grupos humanos modernos na bacia do Douro e áreas adjacentes.



cados, no Fariseu (23.000 BP) e na Olga Grande 4 e 14, vestígios que atestam a ocupação da região no fim do Solutrense. Estes sítios continuam a ser ocupados durante o Magdalenense e o Azilense, até 11.700 BP. Na Quinta da Barca Sul identifica-se também uma ocupação coeva destas últimas fases, datada de entre 15.000 e 11.700 BP. Voltando ao extremo oriental da bacia, temos a datação dos abrigos Alejandre e Vergara (18.930 a 16.950 BP), que estão localizados em locais de passagem entre os vales do Douro e do Ebro, enquanto a Peña de Estebanvela (15.500 a 9.250 BP) está localizada mais para o interior da bacia, mantendo a sua posição periférica.

À luz de todos estes dados, é difícil continuar a pensar que o interior da Península estava despovoado durante o Paleolítico Médio e Superior. Pelo contrário, como foi demonstrado tanto por estes dados como por outros do Vale do Tejo, onde se encontra também um grande número de estações tanto em grutas (Jarama I e II), como ao ar livre (os numerosos sítios nos terraços dos Manzanares ou nos do próprio Jarama), confirma-se a presença humana recorrente ao longo das diferentes etapas, independentemente do maior ou menor rigor climático. Alguns investigadores justificam este facto pela complementaridade entre os ecossistemas de fundo de vale e do planalto da Meseta em ambos os sectores do território.

Esta complementaridade de ecossistemas, foi explorada tanto pelas comunidades de neandertais como pelas de humanos modernos, atestada por acampamentos periódicos em gruta ou ao ar livre, independentemente dos dois grupos humanos. Estes aproveitam os movimentos dos animais em certos corredores ou zonas de diversidade ecológica criadas pelas oscilações climáticas que não impossibilitaram — antes pelo contrário — a presença de fauna de espécies termofílicas que poderiam ter-se refugiado em ambas as bacias do Interior peninsular. Os sítios das comunidades de neandertais parecem corresponder essencialmente a pequenos acampamentos temporários de caça especializada, enquanto que nas atribuídas aos humanos modernos se descobre uma maior variedade de ferramentas e vestígios de abrigos de proteção (Cardina-Salto do Boi), o que sugere uma maior diversidade de atividades e uma maior complexidade das relações sociais, como será explicado abaixo quando abordarmos a origem das matérias-primas utilizadas para fabricar as ferramentas (ver Cap. 2).

A AUTORIA DA ARTE PALEOLÍTICA

Muitos destes sítios, especialmente os de cronologia mais recente, foram identificados durante trabalhos desenvolvidos para averiguar um possível despovoamento do interior peninsular durante o Paleolítico Superior. Esta mudança de paradigma e de abordagem foi favorecida pela descoberta, no início dos anos 90, de grandes concentrações de arte ao ar livre no Vale do Côa e em Siega Verde.

Até às últimas décadas do século passado, as manifestações artísticas paleolíticas eram consideradas como exclusivas do interior das grutas e dos abrigos rochosos. Na bacia do Douro, estas manifestações encontravam-se principalmente na periferia da Meseta, em locais associados a vias de comunicação no vale do Ebro (Penches, La Blanca, El Caballón, Ojo Guareña, ou os abrigos Alejandre e Vergara), nas cadeias montanhosas do leste do Sistema Ibérico (Cueva Mayor ou La Griega) ou nas encostas meridionais do Sistema Central (Cueva de los Casares, Cueva del Reno, Cueva del Reguerillo, Cueva del Turismo). Este quadro era com-



Fig. 7. Signo retangular pintado da gruta de La Pasiega (Santander) datado por Urânio-Tório, o que confirma a sua execução antes da chegada do Homem moderno (©Gobierno de Cantabria - MUPAC. Fotografía de Pedro Saura).

pletado por descobertas ocasionais de arte móvel em grutas (na já mencionada caverna La Blanca, o bastão decorado, hoje desaparecido, de El Caballón, ou a mais recente gruta de Jarama II, na bacia do Tejo), ou ao ar livre (a placa de Villalba). E a esta escassa lista de menos de 10 sítios, em 1981, somaram-se as representações de cavalos sobre afloramentos rochosos localizados ao ar livre, identificados nos dois extremos da Meseta Norte: Mazouco e Domingo García.

Este registo tão escasso seria um verdadeiro reflexo da população rarefeita destes territórios, justificado, como mencionado acima, pelas condições climáticas da última glaciação? A descoberta das gravuras de Siega Verde (1988) e do Vale do Côa, poucos anos mais tarde (1991) evidenciaram um quadro claramente diferente. A investigação centrou-se na documentação deste tipo de manifestações, multiplicando-se as desco-

bertas da arte paleolítica ao ar livre, tanto na bacia do Douro (Domingo García, Puente de la Salud, Fregeneda, etc.) como em outras zonas peninsulares (ver Cap. 4). Do mesmo modo, foi colocada ênfase na procura dos sítios ocupados pelos autores desta arte, com indubitável sucesso no Vale do Côa, onde foi possível contextualizar esta arte com vestígios da ocupação humana contemporâneos da sua produção e de depósitos pleistocénicos diretamente associados a painéis gravados, caso das rochas 1 e 9 de Fariseu. A rocha 1 é uma rocha vertical intensamente gravada, recoberta por sedimentos e vestígios de várias fases de ocupação paleolíticas, incluindo placas gravadas. As datações mostram que as gravuras desta rocha foram feitas antes de 18.400 BP e, muito provavelmente, antes de 23.000 anos. Outras datas já referidas, dos níveis superiores de Fariseu, da Quinta da Barca e do Abrigo de Estebanvela — localizado no outro extremo da bacia —, confirmariam a atribuição estilística das gravuras ao longo do ciclo paleolítico, desde o Gravettense até ao Azilense (30.000 - 12.000 BP).

Uma vez demonstrada a existência de uma arte ao ar livre, anterior ao último máximo glacial, uma outra discussão está em curso sobre quem foram os autores da primeira arte, ou, para ser mais preciso, se as primeiras manifestações gráficas poderiam ter sido feitas pelo Homem de Neandertal ou se só foram produzidas pela nossa espécie.

A primeira hipótese é defendida por um grupo de autores com base em datações por Urânio-Tório de concreções de calcita sobreposta a motivos pintados, que forneceram resultados anteriores a 50.000 anos. Estes autores recor-



dam ainda que as propostas estilísticas de Henri Breuil e de André Leroi-Gourhan incluíam uma primeira fase não figurativa, à qual poderiam corresponder alguns dos motivos datados. Contra esta proposta, foi salientado que ao longo de toda a presença do Homem de Neandertal na Península ibérica, nenhuma manifestação artística sobre suportes móveis foi reconhecida e que as novas datações aproximam o seu suposto despertar artístico de um possível contacto e influencia dos humanos modernos.

Os defensores da segunda opção argumentam também que o método utilizado para datar estes grafismos (o chamado Urânio-Tório) deveria ser revisto, argumentando que as obtidas pelo método mais tradicional (baseado no radiocarbono) não excedem os 38.000 BP. O radiocarbono só pode ser aplicado em caso de pinturas negras realizadas com carvão vegetal, pois não permite datar nem as pinturas vermelhas ou negras feitas com pigmentos minerais, nem gravuras. Contudo, os defensores da antiguidade da arte salientam que o facto das datas radiocarbónicas não existirem não significa que não existissem manifestações artísticas anteriores àquela data; estes mesmos autores salientam também que a comunidade científica aceitou as datas que excedem 40.000 BP noutras regiões, tais como a Indonésia, sem questionar a utilização do mesmo método de datação: o Urânio-Tório.

Na bacia do Douro, também não escapamos a discussão. Cronologicamente, a transição entre os últimos neandertais e os primeiros humanos anatomicamente modernos ainda não foi estabelecida com precisão. Como já foi salien-

Fig. 8. Gruta de Maltravieso. Detalhe de mão em negativo no painel GSIII-3 da Galería de la Serpiente, datada c. 66.700. © Hipólito Collado Giraldo. DG Bibliotecas, Archivos y Patrimonio Cultural. Junta de Extremadura

tado, a persistência de grupos de neandertais que seriam contemporâneos das mais antigas ocupações do Paleolítico Superior no norte da Península Ibérica, pode ser avançada com base nos dados do sítio de Cardina-Salto do Boi. Todavia, o contacto entre os dois grupos humanos não pode ser demonstrado, porque nesta sequência, como já foi referido, existe um intervalo de cerca de 4000 anos entre as evidências de métodos de talhe associados ao Homem de Neandertal e as de métodos associados aos primeiros humanos anatomicamente modernos.

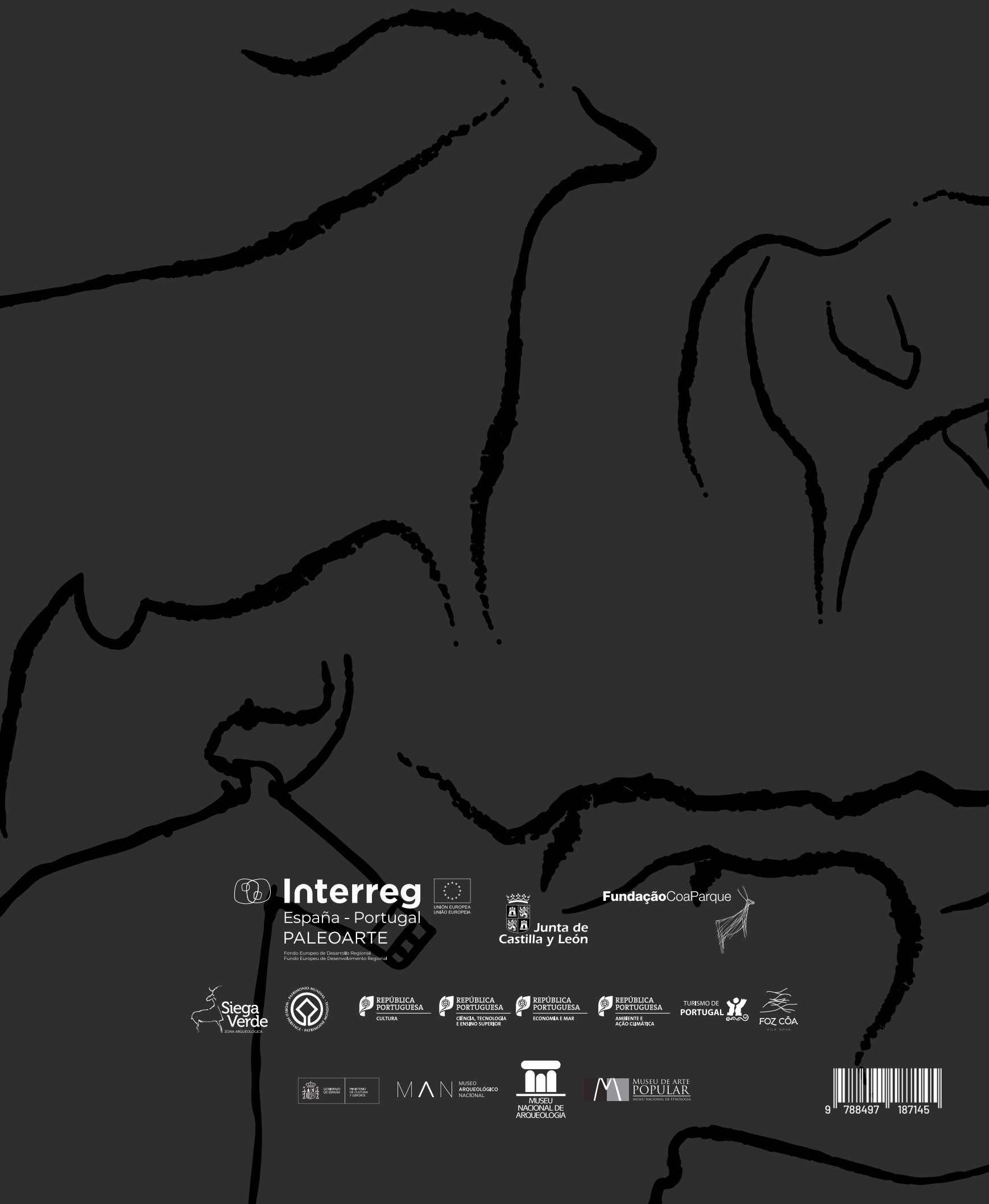
Atualmente, não sabemos se os primeiros Homens modernos deixaram imagens pintadas ou gravadas na bacia do Douro. A relação com os depósitos datados da rocha 1 do Fariseu, o estudo tecnológico dos picos de quartzito, utilizados para gravar, encontrados no nível de ocupação Gravettense do sítio Olga Grande 4, datado de c. 30.000 BP, fornecem argumentos a favor da atribuição da fase artística mais antiga do Côa a um período entre o Gravettense e os inícios do Solutrense, num momento já adiantado da difusão dos humanos anatomicamente modernos pelo sul da Península Ibérica. Contudo, considerando a mudança de paradigma resultante da descoberta da arte ao ar livre, tudo encoraja à cautela nas interpretações baseadas na presença e ausência de dados arqueológicos num território e nas lacunas de algumas fases da sua sequência de ocupação.

Não podemos saber quem foram os primeiros artistas, embora a atribuição, aos humanos modernos, da autoria da arte paleolítica ao ar livre não pareça questionável. Mas sabemos hoje que há mais arte paleolítica do que aquela preservada nas grutas, há também arte rupestre sobre afloramentos rochosos ao ar livre e, ao lado dela, também há arte sobre pequenos suportes, móveis. A sua descoberta e caracterização foi possível graças ao desenvolvimento de programas de investigação, integrando prospeções, sondagens e escavações de sítios ocupados pelos neandertais e os primeiros humanos modernos. Este é o panorama atual que podemos estabelecer, muito diferente do que era aceite no início dos anos 1990 que matiza cada vez mais as diferenças, ao nível da ocupação humana, entre o litoral e os territórios interiores da Península Ibérica.

BIBLIOGRAFIA

- Alcaraz-Castaño, M et al. (2021): "First modern human settlement recorded in the Iberian hinterland occurred during Heinrich Stadial 2 within harsh environmental conditions". [www.nature.com/scientific reports](https://doi.org/10.1038/s41598-021-94408-w), 11:15161 | <https://doi.org/10.1038/s41598-021-94408-w>
- Alcolea, J. J. y Balbín, R. de (2006): *Arte paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca*. Arqueología en Castilla y León, 16
- Alcolea, J. J. et al. (2000): "La Cueva del Reno (Valdesotos, Guadajara). Una visión de Conjunto de su arte parietal paleolítico". *3º Congreso de arqueología peninsular*. Vila Real

- Aubry, T. et al. (2020): "Timing of the Middle-to-Upper Palaeolithic transition in the Iberian inland (Cardina-Salto do Boi, Coa Valley, Portugal)". *Quat. Res.* 98, 81-101. <https://doi.org/10.1017/qua.2020.43>.
- Aubry, T. et al. (2020): "Fariseu, 20 anos depois: novidades da arte paleolítica do Côa". *Al-madan on-line*, 23(2) 15-27. <http://hdl.handle.net/10451/47573>
- Balbín, R. de y Alcolea, J. J. (1994): "Arte paleolítico de la meseta española". *Complutum*, 5: 97-138.
- Bicho, N. (2007): "The Upper Paleolithic Rock Art of Iberia". *Journal of Archaeological Method and Theory*, Vol. 14, No. 1, March: 81-151.
- Cacho, C. (Coord.) (2013): *Ocupaciones magdalenenses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia)*. Junta de Castilla y León y CSIC
- Carretero, J. M. et al. (2008): "A Late Pleistocene-Early Holocene archaeological sequence of Portalón de Cueva Mayor (Sierra de Atapuerca, Burgos, Spain)". *Munibe (Antropología-Arkeología)*. 59: 67-80.
- Corchón, M. S. (Coord.) (1997): *La cueva de La Griega de Pedraza (Segovia)*. Memorias. Junta de Castilla y León. Consejería de Educación y Cultura.
- Corchón, M. S. (2006): "Reflexiones sobre el arte paleolítico interior: la Meseta Norte española y sus relaciones con Portugal"; *Zephyrus*, 59, 2006, 111-134
- Delibes, G. y Díez, F. (2006): *El Paleolítico superior en la Meseta Norte española*. *Studia Archaeologica*, 94
- Díaz, C. et al. (2008): "El Paleolítico medio en el Valle del Arlanza (Burgos). Lo sitios de La Ermita, Millán y La Mina". *Revista C&G*, 22(3-4): 135-157
- Hoffmann, D. L. et al. (2021): "New age for old paintings. U-Th dating reveals Neanderthal origin of cave paintings". En Y. Coppens et A. Viallet (dir): *Un bouquet d'ancêtres*. Académie Pontificale des Sciences & CNRS Edicions: 384-398.
- (2020): "Response to White et al.'s reply: 'Still no archaeological evidence that Neanderthals created Iberian cave art'" *Journal of Human Evolution*, <https://doi.org/10.1016/j.jhevol.2020.102810>
- Martin, F. et al. (2011): "La ocupación neandertal en el Cañón de la Horadada (Mave, Palencia, España). Nuevas perspectivas arqueológicas en cueva Corazón". *Munibe*, 62: 65-85
- Mosquera, M. et al. (2007): "Valle de las Orquídeas: un yacimiento al aire libre del Pleistoceno superior en la Sierra de Atapuerca (Burgos)". *Trabajos de Prehistoria* 64(2), 143-155. <https://doi.org/10.3989/tp.2007.v64.i2.113>.
- Ripoll, S. y Municio, L. (Dir.) (1999): *Domingo García. Arte rupestre paleolítico al aire libre en la meseta castellana*. Memorias. Arqueología de Castilla y León, 8
- Simón Vallejo, M. D., Cortés Sánchez, M., y Bicho, N. (2012). "Primeras evidencias de arte mueble paleolítico en el sur de Portugal". *Trabajos de Prehistoria*, 69(1): 7-20. <https://doi.org/10.3989/tp.2012.12076>
- Terradillos, M. y Díez, J. C. (2018): "La tecnología lítica neandertal de Valdegoba en el contexto del Paleolítico medio de la Meseta norte". *Trabajos de Prehistoria*, 75, (2): 320-332.
- Zilhão, J. (2021): "The late persistence of the Middle Paleolithic and Neanderthals in Iberia: A review of the evidence for and against the "Ebro Frontier" model". *Quaternary Science Reviews*. <https://doi.org/10.1016/j.quascirev.2021.107098>.



Interreg
Espanña - Portugal
PALEOARTE

Fondo Europeo de Desarrollo Regional
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional



**Junta de
Castilla y León**

Fundação CoaParque



MAN MUSEO ARQUEOLÓGICO NACIONAL



MUSEU DE ARTE POPULAR
MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA



9 788497 187145